

A Noite Triste

Frances Sherwood

A Noite Triste

Tradução:
Roberto Franco Valente



ZAHAR
Rio de Janeiro

A meu filho Lark William Madoo

Título original:
Night of Sorrows

Tradução autorizada da primeira edição norte-americana,
publicada em 2006 por W.W. Norton & Company, Inc., Nova York,
Estados Unidos

Copyright © 2006, Frances Sherwood

Copyright da edição em língua portuguesa da edição brasileira © 2008:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

A noite triste é um livro de ficção. Muitos personagens existiram de fato e vários dos
acontecimentos narrados ocorreram da maneira descrita no texto. Eles foram a inspiração
para que um mundo imaginativo e com vida própria fosse criado.

Capa: Sérgio Campante
Ilustração da capa: © Akg Images/LatinStock

(entra ficha catalográfica)

Uma por uma, vou reunindo suas canções.
Vou juntando as jades,
com elas faço um bracelete
de ouro eterno.

Enfeite-se com eles:
são sua riqueza
na região das flores,
são sua riqueza sobre a Terra.

– UM DOS ANTIGOS POETAS
DE *Fifteen Poets of the Aztec World*,
DE MIGUEL LEÓN-PORTILLA

Capítulo 10

— POR QUE VOCÊ FALOU em nome do Barata, Maax? — quis saber Cuy. — Como pôde fazer uma coisa dessas?

As escravas também estavam se banhando, mas não na casa de banhos da cidade, a *temazculli*, e sim no afluente do rio, mesmo com o frio que fazia. Cuy e Malintzin esfregavam cascas de limão na pele e emplastavam o cabelo com pasta de abacate. O sabonete delas era feito de lama de aloé.

— Você não entende que esses homens brancos são nossos inimigos, Maax?

Malintzin estava se lembrando dela própria na praça, no *zócalo*. Naquele momento ela ficara alta e falara com toda confiança. Agora, entretanto, ao pensar naquilo, ela se dava conta do quanto estava desacostumada a ser o centro das atenções. Isso a apavorou. Ela se colocara fora da ordem, da sua ordem — a da escravidão — enquanto traduzia, mas ela conhecia as palavras e nada podia fazer para evitar. No íntimo, em seu coração, ela era uma princesa, não uma escrava.

— Você fala em nome deles, fala em nome da guerra, Maax — prosseguiu Cuy.

— Sempre há guerra. Os governantes dizem que os deuses precisam se alimentar de sangue humano, e que por isso há guerras.

— Esta vai ser diferente, Maax.

— Como você sabe?

— Garra de Jaguar me disse. Eles irão matar todos nós, a não ser que matemos todos eles.

— Você quer que Núñez morra, aquele com quem você divide a esteira, aquele de quem você gosta?

Cuy hesitou.

— Se tiver de ser assim...

— E quanto àquele chamado Francisco? Ele caminha conosco, é como se fosse nosso irmão.

— Ele... ele parece um quincaju com os olhos tristes e a sola das patas rosadas.

— E Aguilar? Você também quer que ele morra, Cuy?

Aguilar estava ensinando espanhol a elas. Malintzin escutava, Cuy tentava fingir que não escutava, e Garra de Jaguar, que não suportava ouvir uma só palavra naquela língua estrangeira, saía para caminhar. Enquanto padre Olmedo lhes mostrava imagens de um homem com a barba e o cabelo compridos, Aguilar dizia que eles viveriam para sempre caso acreditassem nele.

— E o adivinho deles? – disse se referindo a Botello, que também era bondoso com elas. — E aquele preto, Cuy? – Adu comia com as escravas quando não tinha que atender ao senhor dele. — E aquele lindo, com o cabelo da cor do sol, o que a gente chama de Tonatiuh? Eu gostaria de estar com ele só para me sentir aquecida. Você acha que a beleza dele pode se extinguir? Quer dizer: se você se deitasse com ele, debaixo dele, em cima dele, você não ficaria linda?

— Você não tem vergonha, Maax? É claro que todos eles têm de ser mortos.

Lavando as costas de Malintzin, Cuy pôs as mãos sobre os ombros da amiga e a fez se voltar para ela, de modo que pôde olhá-la diretamente nos olhos.

— Lembre-se de quem você é, Maax, lembre-se do seu povo. Garra de Jaguar se lembra. Eu me lembro.

— Eu me lembro.

Malintzin devolveu o olhar para a amiga com os olhos fixos.

— Eu me lembro que fui vendida por minha mãe asteca para ser escrava. Os maias me fizeram usar uma coleira que me estrangulava e andar muitas léguas sem sapatos. E arrancaram meu *cueitl* e meu *huipilli* para que os homens pudessem olhar para mim. Meu primeiro senhor maia quase me deixou morrer de fome. O segundo me fez ser uma *auianime*, e assim eu jamais poderia viver a vida honrada de uma esposa. *Meu* povo, Cuy? Sim, eu me lembro dele.

Ela mergulhou a cabeça na água e permaneceu submersa o máximo que pôde.

— Esse foi o seu destino, escolhido pelos deuses – disse Cuy quando Malintzin emergiu em busca de ar.

— E o que os deuses estão dizendo agora? – perguntou Malintzin enquanto jogava os cabelos molhados para trás.

— Você é uma escrava, Maax, mas sem nossos deuses, sem nosso povo, nossos costumes, você seria menos do que isso. Seria soprada para longe, você se tornaria pó.

— Os bárbaros estão me alimentando bem. O único homem que tenho me trata com gentileza.

— Os deuses irão te punir.

— Cuy, os deuses vêm me punindo há muito tempo.

— Você acha que já sofreu o suficiente e que não há nada mais para sofrer? Você pode ter ouvidos, Maax, e uma língua, mas será que tem olhos?

— Você gostaria de voltar para sua senhora, a sua “mãe” maia, Cuy? É isso? Você lamenta não estar recebendo suas chicotadas diárias? Você está com fome de moscas, Cuy? De um pedaço de carne de pato cheia de vermes e cheirando a esterco? Você preferia servir a 20 homens numa só noite do que a apenas um? Você não se queixava naqueles tempos, Cuy, porque estava fraca demais.

— Garra de Jaguar diz que...

— Garra de Jaguar é um açougueiro, não um profeta.

As duas mulheres saíram da água e, ainda na margem do rio, secaram os cabelos com uma toalha. Sem dizer uma palavra, escovaram os cabelos uma da outra com escovas de espinhos de cacto e esfregaram um creme feito de sementes de cacau nos calcanhares, entre os dedos, nos seios e no ventre. Depois da refeição, elas teriam que se separar e ir para as esteiras dos senhores, para os deveres da noite. O cacique destinou aposentos espaçosos no palácio para os oficiais. Os soldados ficaram alojados em tendas de lona nos campos próximos ao local onde foram guardados os cavalos.

— Não estou querendo ser desagradável, Maax – falou Cuy sob a sombra do templo, depois de comerem, enquanto as mulheres faziam a limpeza e os oficiais retornavam aos alojamentos. — É verdade que Montezuma pensa que o Barata é Quetzalcoatl?

— Não sei o que Montezuma pensa, Cuy.

— Se nós todos pudéssemos ser tão valentes e sábias quanto Quetzalcoatl – disse Cuy, referindo-se ao deus morto, não a Cortés.

— Somos escravas, Cuy, não temos que tomar decisões, nem que pensar em nada. Faremos o que nos disserem para fazer.

— Podemos fazer o que as pessoas disserem para fazermos, mas sei que você pensa diferente. Diga-me alguma coisa, Maax. Vamos sentar aqui um instante.

Cuy pegou a mão de Malintzin e a puxou para o chão.

— Fale-me, para que eu possa ser tão forte quanto você.

— Não sou forte.

— Você é mais forte que eu. Conte-me alguma coisa.

— Os deuses se reuniram – começou Malintzin, adotando a voz de alguém mais velho, enquanto a noite crescia ao redor delas – e se perguntaram uns aos outros: “Quem viverá na Terra?” Quetzalcoatl, antes de ser o deus do vento e do milho, da poesia e da lembrança, disse: “Eu sei.” E decidiu ir para a terra dos mortos e anunciar a Mictlantecuhtli, o deus do mundo inferior, que tinha vindo para buscar os velhos ossos dos deuses mortos para fazer as pessoas. Mas Mictlantecuhtli lhe disse: “Você pode levar os ossos se soprar a minha corneta e andar em círculo quatro vezes.” Mas a corneta não era oca e não tinha furos, portanto não era possível soprá-la. Era uma trapaça, Cuy, uma brincadeira cruel. Entretanto, Quetzalcoatl tinha seus recursos. Convocou os vermes para que fizessem os buracos e as abelhas para que voassem por dentro da concha, fazendo com que ela soasse. Mictlantecuhtli ficou muito zangado ao ver que Quetzalcoatl conseguira e mandou seus demônios fazerem um grande buraco no chão para que Quetzalcoatl caísse dentro dele. Quetzalcoatl de fato caiu, mas pôde voltar à superfície e fugiu levando os ossos. Depois reuniu-os e os colocou numa tigela de jade. Então ele feriu o *tepollli* dele, isto é, o pênis, derramando o sangue na tigela. Foi assim que as crianças do sexo masculino foram feitas, e depois as do sexo feminino. As pessoas nasceram, Cuy, e o mundo teve início. E aqui estamos nós. As pessoas.

Capítulo 11

QUANDO MALINTZIN VOLTOU PARA A ESTEIRA que teria de dividir com Puertocarrero no palácio do cacique de Cempoala, o homem a quem ela estava destinada dormia. Ela se estendeu ao lado dele, mantendo o corpo afastado para que não se tocassem. Observando as grossas vigas que sustentavam o teto e distinguindo apenas os contornos sombrios, ela tentou dizer a si mesma que não cometera erro algum ao falar abertamente. As palavras que pronunciou nem mesmo eram dela, e assim talvez não tivessem tanta importância. Ela só fez reproduzir o que Aguilar falou, e este havia dito o que o Barata mandara. Três falas, duas que lhe foram dirigidas, mas as palavras não eram dela.

Barata era o apelido que Garra de Jaguar dera a Cortés, *señor, el capitán, el general, el comandante*. Assim como Malintzin, ele tinha muitos nomes. A maior parte de seus homens o chamava de Cortés, e ela sabia que todos gostavam dele, pois ao falar ele dirigia o olhar diretamente para o rosto da pessoa. Isso a espantava, pois ela jamais fora ousada ou privilegiada o bastante para olhar diretamente nos olhos de um homem, a não ser Garra de Jaguar. Se tivesse um marido, ela o olharia assim. À meia luz que passava por debaixo da porta, vinda da tocha sempre acesa no corredor vigiado do pátio, Puertocarrero, o homem dela, tinha um aspecto envelhecido e enrugado. Ela quase sentiu pena dele.

Mas não conseguia dormir. Maus pensamentos chegavam à sua cabeça, assim como os *muyumeh*, mosquitos famintos de sangue. Talvez Cuy estivesse certa. Os deuses poderiam puni-la por traição.

No entanto, ela poderia responder-lhes com as seguintes perguntas: “Quando meu pai, meu único protetor neste mundo, jazia definhando sobre a esteira dele, falando coisas incompreensíveis, com a mente confusa, isso não foi uma punição?”; “E quando fui levada pelos mercadores de escravos, por acaso os deuses me salvaram?”; “Quando as pessoas cantavam, dançavam e faziam sacrifícios aos deuses para obter chuva e boas colheitas, recebi alguma gratificação ou favor dos deuses?” Além disso, se por um lado foi Quetzalcoatl, o deus-herói, quem roubou os ossos dos deuses para confeccionar as pessoas, foram as pessoas que tiveram de pagar pelo roubo original com suas vidas.

Enquanto ela pensava nessas coisas, a descida do Sol para o mundo inferior se completou. Nuvens da estação chuvosa atravessaram a face iluminada da Lua. Um coioote uivou nas montanhas manifestando a própria solidão. Então Malintzin escutou passos e viu alguém se deter diante da porta. Era Aguilar. Ele pôs os dedos sobre os lábios. Por gestos, pediu que ela o seguisse. Furtivamente, os dois atravessaram o pátio principal e chegaram até o quarto de Cortés. O capitão geral estava sentado na cadeira dele. Tubos de cera estavam acesos, de modo que o aposento estava cheio de uma luz suave e delicada. O homem retirara sua pesada casca de prata, a blusa caía folgada sobre o ventre, e em lugar dos saiotes bufantes ele estava usando calções até os joelhos. Sem as botas, os pés se pareciam com fatias de carne de peru. O cabelo, comprido e despenteado, fora levantado e amarrado na nuca. Naquela luz fulgurante ela pôde ver os olhos dele brilharem como pequenas lascas de pedra sob a chuva. O homem de Cuy, Núñez, também estava no quarto.

— Que horas são, Núñez?

— São dez da noite, *señor* Cortés.

Núñez teve vontade de dizer que já era hora de ir dormir. Se, quando precisou sair da Espanha, tivesse ido para Praga se encontrar com seus parentes asquenazes e não tivesse vindo para a América, não estaria em Cempoala às dez horas da noite do mês de agosto de 1519.

— Como se explica que ela conheça a língua asteca – Cortés voltou-se para Aguilar.

Em maia, Aguilar interrogou Malintzin. Núñez a observava com curiosidade. Ela era amiga de Cuy, por isso ele gostava dela.

— Repito: como se explica que ela fale a língua asteca?

— Cortés quer saber – disse Aguilar – por que você conhece o nahuatl?

Ela respondeu da maneira mais sucinta possível.

— Em resumo, comandante, ela diz que é de uma cidade nahuatl, que é asteca, e que tem sangue nobre.

— Em resumo? Mas eu quero fatos, homem, só quero fatos.

— Ela é, digamos, como uma princesa.

— É ou não é uma princesa? *Princesa o no?*

— Sangue nobre.

— Bastarda?

Aguilar transmitiu a pergunta para Malintzin.

— Ela está dizendo que é a primeira e única filha de seu pai, nascida de sua única esposa oficial.

— E é escrava?

Malintzin relatou aquela parte de sua história para Aguilar, que por sua vez passou-a para Cortés.

— Como o hebreu José, que foi vendido como escravo – comentou Núñez. No mesmo instante em que as palavras foram pronunciadas, ele preferiu que elas não tivessem saído da sua boca.

— O sufixo *tzin* do nome dela significa sangue nobre – explicou Aguilar. — Na sociedade deles, ela é uma princesa. O nome verdadeiro dela é Malinali.

— Como nós a chamamos?

— Alguns de nós a chamam de Malinche.

— Malinche? Mas ela não foi batizada antes que eu a desse para Puerrocarrero? Qual é o nome cristão dela?

— Marina.

— Bem. Então deve ser *doña* Marina. Diga a ela, Aguilar, que se ela atuar como nossa tradutora e intérprete de nahuatl e maia, iremos conceder-lhe nossa proteção.

Malintzin abaixou a cabeça e ficou observando as grandes pedras do chão.

— Proteção extra poderia significar... – Aguilar pigarreou — Ela é uma mulher, senhor.

Núñez tirou os óculos, limpou-os com o lenço imaculado e os colocou de novo. Cuy, que ele considerava como sua esposa, era oficialmente sua escrava, da mesma maneira como os patriarcas tinham concubinas, muitas esposas e, sim, escravas.

— Não, não, isso não, não estou me referindo a isso. O que quero dizer é que... Diga que ela terá mais do que a liberdade.

Aguilar então conversou um pouco com Malintzin em maia.

— Ela quer saber, senhor, o que *isso* significa.

— Explique a ela, estúpido, que se ela me servir, um dia, quando o seu trabalho tiver terminado, ela será livre. Daremos a ela uma casa, terra e ouro, ouro também.

— Eles não dão ao ouro o valor que nós damos, senhor.

— Bem, pensaremos em alguma coisa a que ela dê valor, não é mesmo Aguilar? E nesse meio-tempo, dê a ela um quarto só para ela.

— Ela é de Puertocarrero.

— Puertocarrero, esse bêbedo, não merece uma mulher de cultura, deixe ele sem nenhuma, a nossa princesa-tradutora não pode ficar grávida em nossa viagem, pode?

Malintzin se esforçava para compreender mas só conseguia pegar uma ou outra palavra: “sim”, “mulher”, “casa”, “ouro”, “liberdade”...

— Agora você pode ir – disse Cortés para Aguilar. — Você também, Núñez.

Os homens deixaram o quarto. Cortés sentou-se em sua cadeira, olhando para ela. Um momento antes, ela se sentira invisível, agora estava excessivamente visível. O homem avançou em sua direção, com a sombra tremulando por trás dele. Pousou as mãos sobre os ombros dela, as duas mãos, duas grandes patas peludas. Contra a parede do quarto, a sombra dele parecia aveludada, como a pele de alguns animais do norte.

— ¿Sí? – perguntou ele, deslizando as mãos até o queixo de Malintzin. Ele ergueu o rosto dela.

— Sí – respondeu ela, que sabia o que significava aquela palavra.

Ele suspendeu seu *huipilli* por sobre sua cabeça e recuou um pouco.

— ¿Sí?

— Sí.

Tomou os seios dela entre as mãos. Eram fartos, com mamilos roxos, como ele previra. Ele entreabriu os lábios dela. Os dentes eram grandes, brancos, bons. Mulheres com dentes ruins lhe provocavam repulsa.

Ela não entendia por que estava tremendo. Seu corpo continuava sendo seu corpo, apenas. Muitos homens já o haviam tocado.

Ele afrouxou o laço do seu *cueitil* e o deixou cair. Ela não calçara suas sandálias para ir até aquele quarto com chão de pedras. O chão de repente ficou frio. Ela tremia um pouco.

— ¿Sí? – perguntou ele.

— Sí.

Ele reparou que as proporções dela não eram como as das mulheres espanholas. A cintura era grossa, os quadris, estreitos, e as pernas, fortes como as de um homem.

— Você está com frio, vem – e ele a conduziu até sua esteira e a cobriu com sua capa.

Alguns momentos antes ela se sentira como se estivesse imersa numa correnteza veloz, mas agora sua pele estava em chamas. Quando ele despiu a blusa e o calção, ela viu que ele era como todos os homens, não como um gafanhoto, um inseto, uma lagarta, um tamanduá, um tapir ou um deus. O seu *tepolli* e todas as demais partes eram normais. Ele mexia os pés para cima e para baixo tocando as pernas dela com as pontas dos dedos. Ninguém jamais se comportara assim com ela. Será que é como os deuses fazem? Nunca alguém demonstrara cuidado ou afeto por ela. E seria o poder dele, sendo um deus, que a fazia se render, entregando-se a ele sem que a mente se distanciasse do corpo, sem pairar acima dele ou se remeter ao dia seguinte. Com ele, sua mente juntava-se ao corpo.

— ¿Sí? – perguntou ele.

— Sí – respondeu ela.

Com seus cílios compridos ele fazia cócegas na garganta dela. Com as mãos fortes ele esfregava os pés dela e a reentrância das costas, depois apoiava o rosto no peito dela como se quisesse lhe escutar o coração. Então ele começou a falar em espanhol com suavidade, e quando a atingia de alguma forma perguntava: “Sí?”

Ela teve uma recordação – ou teria sido um desejo – de ser acalentada entre os braços da mãe, em tempos de uma ternura espessa como o mel, mas distinta como a barbatana pontuda de um peixe. Mas ele não verteu nela a semente dele. No último instante ele deslizou para fora, como uma enguia, deixando aquele homem pulque se lançar sobre a esteira. Eles permaneceram juntos por algum tempo, numa doce imobilidade.

— *No niños* – disse ele. — ¿*Entiende?*

Ela não compreendeu.

Ele manteve a mão um pouco acima do chão.

— *No niños.*

— Ah, sí – assentiu ela.

De dentro das dobras de sua saia, no chão ao lado deles, ela retirou um pequeno objeto preto e macio, apertou-o e colocou-o entre as mãos dele. Cuy dera-o a ela depois de sua primeira menstruação.

— *Ulli* – disse ela em nahuatl.

— *¿Chicle?*

Parecia a seiva endurecida da árvore do sapoti.

— *Ulli.*

— *¿Hule?*

Malintzin se referia à seiva de uma árvore encontrada nas terras dos olmecas. Era um material usado para fazer bolas de jogo.

— *Ulli* – ela repetiu e, levantando a saia, mostrou-lhe como podia colocar aquilo dentro dela.

— *Ulli. No niños* – disse.